

CAPÍTULO 11

Masculinidades negras e antinegritude

Osmundo Pinho

Neste capítulo, proponho uma leitura para a constituição do campo das masculinidades negras no Brasil, considerado como efetivamente transdisciplinar. Na verdade, mais do que isso, o campo tem se definido como uma práxis e como uma clínica e, eventualmente, também como um campo de atuação crítica. Como instância dessa potencialidade crítica, exploro as possibilidades interpretativas associadas a determinada contradição, estrutura de sentimento,¹ que se apresenta como duplamente vinculada à produção da heterossexualidade ne-

1. Presente na obra do sociólogo Raymond Williams, a noção de estrutura de sentimento enfatiza as articulações subjetivas com as forças emergentes da História, dando conta nesse sentido de modulações estruturais, e de suas contradições, vividas no plano da experiência, onde são capazes de serem “sentidas” e interpeladas no campo das representações literárias, por exemplo, como formas de “sentir” historicamente condicionadas (Williams, 1979).

gra normatizada e à performance da própria negritude como uma condição especular vivida ou fabulada no mundo antinegro. Ou seja, naquele definido pela estrutura de antagonismos raciais, materializado a um só tempo pela economia política e pela economia libidinal. Nesse caso, falo da relação, já discutida por Fanon e inúmeros outros, entre o homem negro e a mulher branca. Abordar tal estrutura deve permitir reconhecer as prerrogativas da antinegritude na própria formação dos sujeitos e de suas identidades e subjetividades. De outro ponto de vista, a ordem objetivada da sociedade brasileira, mais particularmente a sua versão local no Recôncavo da Bahia, pode ser descrita, do ponto de vista dos homens negros, como o cenário histórico da antinegritude e da morte social. Dessa forma, resenho também muito brevemente uma produção antropológica recente vinculada ao território do Recôncavo da Bahia.

Interrogando masculinidades negras

Nos últimos anos, o debate sobre masculinidades de um modo geral e sobre masculinidades racializadas, em particular, tem ultrapassado os limites da bolha acadêmica e ativista, ganhando espaço em campanhas de governo e na esfera pública mediatizada (Lemos, 2021; Masculinidade [...], 2019). Tal expansão ocorre contra um pano de fundo de longa duração que criminaliza e demoniza homens negros, sob diversas modalidades de representação, imagens-controle e políticas estatais antinegro (Amparo-Alves, 2009; Rocha, 2019; Vigoya, 2018).

A imagem mais ameaçadora para a ordem objetivada da antinegitude continua sendo o homem negro com suas presumidas propensões para o crime, a sexualidade predatória, a violência, o abuso de drogas e álcool. O que se repete e confirma pela proliferação de personagens e estereótipos na mídia, na imaginação popular e mesmo nas ciências sociais (Ferguson, 2004; Kelley, 2008; Sexton, 2017). Ora, a expansão recente dos estudos de masculinidade negra parece reagir em grande medida a esse passivo racista, histórico e estrutural, paradoxalmente retroalimentado por meio da valorização das chamadas políticas de respeitabilidade, que têm grande penetração nas tradições das comunidades negras na diáspora (Gordon, 1997). A respeitabilidade, entretanto, parece por sua vez desconsiderar ou minimizar a dimensão “construída” dos padrões de masculinidade, negritude e moralidade, assumindo como valores normativos a reificação, às vezes patriarcal, dos ideais de masculinidade, moralidade, sexualidade e negritude. A recusa, mais que justificada, dos estereótipos racistas que demonizam o homem negro, nesse sentido, obscurece as assimetrias e violências de gênero e esquece o lugar do patriarcado na construção do mundo colonial antinegro (hooks, 2004; Lugones, 2007; McClintock, 2010; Nkosi, 2014).

Observamos um crescimento exponencial dos estudos de masculinidades negras nos últimos anos (Pinho; Souza, 2019; Restier; Souza, 2019). O crescimento é heteróclito e diverso, e não poderia ser facilmente reduzido aos campos disciplinares tradicionais. Pelo menos três “matrizes” se cruzam e se multiplicam nesse sentido. De um lado, a tradição

das ciências sociais e/ou historiografia. Grande parte do vocabulário conceitual que informa o debate vem desse campo, como a discussão sobre subalternidade e hegemonia (Kimmel, 1998). O livro de Richard Miskolci (2012), *O desejo da nação*, é um bom exemplo nesse caso. Uma perspectiva crítica, ou desnaturalizante, e historicista-relativista é central, assim como um esforço de objetivação para os processos e sujeitos em discussão. Há, por outro lado, outra matriz, que chamaria de normativa ou “clínica”, para a qual a “crise” seria o tropo central, e nesse caso, como é óbvio, a antevisão de uma saída ou superação da “crise” é o horizonte regulatório (Machado, 2019). Como se a instituição do mundo antinegro e do capitalismo racializado heteropatriarcal não fosse a nossa própria crise constitutiva. A proliferação de grupos de reflexão ou terapia dá, nesse caso, o tom de um desenvolvimento que parece não ver contradição entre a pessoa do homem negro e os valores morais e princípios de coerência subjetiva da modernidade ocidental. Uma boa amostra para esse caso seria o filme *O silêncio dos homens*² (Carta Capital, 2019). Haveria por fim uma terceira matriz, que reivindica autonomia epistemológica para centralizar categorias como “africanidade”, “família preta” e mesmo “raça”. Tal perspectiva ou matriz oferece uma oportunidade para a recusa radical da supremacia branca, representada, por exemplo, na investidura epistemológica objetificante encontrada na ciência moderna (Moraes; Brito; Costa, 2020). A ausência de uma perspectiva mais autorreflexivamente crítica impede, entre-

2. O documentário está disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE>. Produção: Papo de Homem e Instituto PdH (2019). Acesso em: dez. 2023.

tanto, que se reconheça, neste último caso, os fundamentos históricos para a instauração do mundo antinegro em sua plenitude, associada à reprodução do capital em nível global e de suas instituições, como a família nuclear burguesa e patriarcal. Essas matrizes conversam, se repelem e se atraem, às vezes com amarga hostilidade.

Gostaria de ressaltar ainda como a gênese desses estudos desenvolveu-se em estreita conexão com o campo da saúde reprodutiva em algumas instituições que, nos anos 1990, puderam pesquisar e produzir no campo das masculinidades, sem a preocupação explícita com a “raça” ou racismos. Como outros já apontaram para os estudos LGBTQIA+, a crise do HIV/aids nos anos 1980 motivou o surgimento de diversas iniciativas de pesquisa e de intervenção social nesse campo, com o respectivo aporte de recursos advindos do Estado brasileiro e de instituições estrangeiras. O aporte de recursos no caso do HIV/aids permitiu a institucionalização de diversas organizações que atuavam na interface saúde pública, direitos humanos, sexuais e reprodutivos e feminismo (Adorno; Alvarenga; Vasconcellos, 2005; Arilha; Unbehau; Medrado, 1998).³ Dentre estas, o Instituto Papai de Recife,⁴ fundado em 1997, e o Promundo,⁵ também no Brasil desde 1997, ambas trabalhando no campo das paternidades responsáveis. Na-

3. Ver, por exemplo, o boletim *Ação anti-AIDS*, publicado em 2002 pela Abia e Healthlink (Ação [...], 2002), e o número especial dedicado a masculinidade e saúde e direitos reprodutivos, publicado pela Fundação MacArthur (Perspectivas [...], 2000).

4. Disponível em: http://www.papai.org.br/antigo/conteudo/view?ID_CONTEDO=537. Acesso em: dez. 2023.

5. Disponível em: <https://promundo.org.br/sobre-o-promundo>. Acesso em: dez. 2023.

quele momento, a preocupação com a racialização era relativamente ausente. Apenas nos anos 2000, o trabalho de alguns pesquisadores passou a privilegiar esse aspecto: Luís Eduardo Batista (2002), no campo da saúde coletiva, demonstrando correlações entre cor, raça e saúde; Waldemir Rosa (2006), na antropologia, discutindo a produção de masculinidades no campo do *hip-hop* brasileiro; Marília Pinto de Carvalho (2004), discutindo, na educação, a correlação entre gênero e raça nas trajetórias escolares; e eu mesmo discutindo a invenção do “brau” como uma personagem masculina e racializada no contexto da reafirmação em Salvador (Pinho, 2005). Essa geração representou a transição do paradigma normativo da saúde, do cuidado e dos “direitos” para a proliferação de perspectivas, grupos e autores que vemos agora, e que está bem representada na coletânea *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades* (Restier; Souza, 2019).

Os homens negros apareciam eventualmente como sujeitos de pesquisa, ou interlocutores, mas não havia a preocupação explicitamente enunciada com processos de racialização. Assim, por exemplo, Rolf de Souza (2019) fala de homens suburbanos em seu *A confraria da esquina*, que seriam provavelmente mais ou menos negros, mas a “raça”, entretanto, não aparece como categoria central; do mesmo modo no trabalho de Fátima Cecchetto (2004) sobre galeras funk em comunidades cariocas, tradicionais espaços negros, que igualmente secundariza a raça na abordagem. Novidade de fato, nos dias que correm, é a absorção dos estudos de masculinidade pelo eixo gravitacional dos estudos negros e da diáspora, um

efeito derivado e particular das políticas de ação afirmativa nas universidades.

Tornar-se homem, tornar-se negro: o homem negro e o mundo antinegro

A dimensão relacional é central para a abordagem de processos sociais que envolvem a (re)produção de padrões de desigualdade, subjetividade e violência. Isso é claro tanto nos estudos de gênero quanto no campo das relações raciais. A própria posicionalidade negra, ou a invenção estruturada da negritude, é fundamentalmente relacional. Como Fanon diz em algum lugar, o problema não é ser negro, mas sê-lo diante do branco, como sabemos bem.⁶ Ou como, de outra parte, diz Beatriz Nascimento, a invenção da negritude, mediada pela passagem do meio e pela escravidão, determina-se por uma troca, um intercâmbio, uma “*change*” (Ratts, 2007). Relacional e trocável, a posicionalidade negra, e as formas subjetivas associadas, escapa obviamente a qualquer essencialização, mas se realiza exatamente nessa interface conflituosa, que define uma instabilidade ontológica essencial.

Como nos diz Lewis Gordon (1999), é o branco o Outro poderoso dessa relação, e para o homem negro, presumidamente heterossexual, a mulher branca é a matriz primária da afeição. Por isso, no mundo antinegro, o *phallus* – que atribui, por negação ou interdição, significado à negritude – é

6. Na verdade, o texto diz literalmente o seguinte: “a ontologia, quando se admitir de uma vez por todas que ela deixa de lado a existência, não nos permite compreender o ser do negro. Pois o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco” (Fanon, 2008, p. 104).

a pele branca. Observaríamos aí um tropo, um motivo, um padrão e, talvez mais do que isso tudo, uma exigência estrutural, como um dispositivo de dupla face que produz a heterossexualidade masculina ao mesmo tempo que produz a negritude como dependente do reconhecimento branco (nesse caso, da mulher branca).

A estrutura relacional desse dispositivo é recorrente – como uma “estrutura de sentimento” – na literatura e na imaginação negra da diáspora, como eu mesmo já tive ocasião de discutir em outro lugar (Pinho, 2018). Em Fanon (2008, p. 69), mais uma vez, há a formulação já clássica: “esposo a cultura branca, a beleza branca, a brancura branca. Nestes seios brancos que minhas mãos onipresentes acariciam, é da civilização branca, da dignidade branca que me aproprio”.

Na literatura brasileira, Jorge Amado (1995 [1935]) – que não poderíamos considerar exatamente, à luz de sua obra como um todo, um autor da negritude – tem em seu *Jubiabá*, escrito em sua fase “comunista”, um libelo à masculinidade negra, como um elogio da formação da classe operária baiana.⁷ Como Duarte (1996) e Paes (1991) enfatizam, a obra de Jorge Amado foi analiticamente dividida em duas fases. De 1934, ano de lançamento de *O país do carnaval*, até *Os subterrâneos da liberdade*, de 1954, temos o Jorge Amado esquerdista, criador do romance de “formação” proletário. Do lançamento de *Gabriela, cravo e canela*, em 1958, até o final de sua carreira, temos o Jorge Amado trovador da polifonia carnavalesca de

7. Não deixa de ser irônico, ou revelador, que os mesmos valores de coragem, virilidade e galantaria, presentes em Amado, se vejam redivivos em parte da retórica associada à representação das masculinidades negras.

clichês baianos (Duarte, 1996; Paes, 1991). *Jubiabá*, que tem como herói não o pai de santo Jubiabá, mas o “negro Balduíno”, estivador, pugilista, malandro sedutor e revolucionário, nascido às margens da romântica cidade da Bahia nos anos 1930, inscreve-se na primeira fase. Vejamos como Amado descreve o modo como Balduíno “tornou-se homem”:

No entanto essa noite sonhou com Lindinalva. Ele a viu nua e acordou. Então se lembrou dos vícios que os moleques do morro praticavam e ficou sozinho. Não, não ficou sozinho. Dormiu com Lindinalva que sorria para ele com seu rosto de folhinha, e para ele abria as coxas alvas e lhe ofertava os seios duros de criança. Virou homem nesta noite. E daí por diante, dormisse com que mulher dormisse, era com Lindinalva que o negro Balduíno estava dormindo (Amado, 1995, p. 52).

Assim, a “alva” Lindinalva, redundantemente branca, é o passaporte imaginário de Balduíno para o reino da masculinidade.

Mesmo um personagem tão radical, e tão radicalmente identificado com o retorno à África e com o pan-africanismo revolucionário, como Marcus Garvey, encontra a revelação de sua autorrealização como homem e como negro na relação com a mulher branca.⁸ Ora, é da forma seguinte que

8. Garvey teve uma vida e tanto, nascido em St. Ann's Bay, na Jamaica, em 17 de agosto de 1887, mudou-se para Kingston em 1906. Entre 1911 e 1920, viajou pela América Central, Europa e Estados Unidos, onde se tornou um conhecido e famoso orador. Em 1920, a organização que criou, chamada *Universal Negro Improvement As-*

Garvey descreve sua epifania racial, motivada, como em Balduíno, pela frustração de um amor juvenil:

Quando tinha quatorze anos minha coleguinha branca e eu fomos separados. Seus pais pensaram que era a época de nos separar e marcar a linha de cor. Eles a mandaram com outra irmã para Edimburgo, Escócia, e a disseram que ela nunca deveria escrever ou tentar entrar em contato comigo, porque eu era um “negro” [*Nigger*]. Foi então que eu descobri pela primeira vez que havia alguma diferença na humanidade, e que havia diferentes raças, cada uma tendo a sua própria e distinta vida social (Garvey, 2004, p. 2, tradução minha).

É claro que muitos homens negros não se reconhecem nessa relação, que muitos estão engajados em relações amorosas e conjugais com mulheres negras. Entre o mito e o desejo também está, por outro lado, a demografia, e como José Luis Petruccelli, Diva Moreira e Batista Sobrinho e outros já demonstraram, contrariamente ao propalado ideologicamente, a tendência dos padrões de conjugalidade brasi-

sociation (UNIA), organizou em Nova Iorque a Primeira Convenção Anual dos Povos Negros do Mundo. O centro de suas atividades nos Estados Unidos foi o Harlem, de onde publicava o jornal *The Negro World*. Morreu na Inglaterra, em 10 de junho de 1940, com apenas 52 anos. Sua obra influenciou o *Black Panther Party* e nacionalistas negros nos Estados Unidos e em todo o mundo, inclusive na África. Jomo Kenyatta, líder da emancipação do Quênia, e Kwame Nkrumah, líder nacionalista de Gana, por diversas vezes expressaram sua admiração pelos escritos de Garvey. O movimento Rastafari na Jamaica o tem como profeta e suas palavras ecoam na poética de Bob Marley e de outros artistas da música *reggae* (Blaisdel, 2004; Garvey, 2004; Okonkwo, 1980).

leiros é a endogamia, sendo que entre os pretos os padrões de endogamia são mais significativos para as mulheres (Moreira; Batista Sobrinho, 1994; Petruccelli, 2001; Vieira, 2012). A maioria dos homens negros (pretos e pardos) no Brasil estão casados ou se relacionam com mulheres negras. Mas no plano das configurações estruturais do desejo, ou da invenção das narrativas de gênero e raça na diáspora, no plano da economia libidinal da antinegritude, tudo se passa como se, de um modo intrínseca e intensamente contraditório, houvesse a exigência de que, para a performance completa da masculinidade negra, para que a subjetividade do homem negro “de verdade” se tornasse real, a relação com a mulher branca fosse necessária. Quase como um rito de passagem.⁹ E mais uma vez voltamos a Fanon (2008, p. 76):

Conversando recentemente com alguns antilhanos, soubemos que a preocupação mais constante daqueles que chegam na França é dormir com uma mulher branca. Logo que desembarcam no Havre, dirigem-se às casas de prostituição. Uma vez cumprido esse rito de iniciação à ‘autêntica’ virilidade, tomam o trem para Paris.

Se há, todavia, esse complexo ou estrutura de sentimento performativa da masculinidade negra baseada na relação com esse Outro poderoso e magnético, a mulher

9. Há também o estupro como rito de passagem, como no trecho frequentemente mal interpretado de Eldridge Cleaver em *Soul on ice* (1991). Encontramos trechos semelhantes em *O homem invisível* de Ellison (1990) e também em *Filho nativo* de Wright (1990), onde, na verdade, o assassinato acidental de uma mulher branca é o núcleo da trama.

branca; se aponto aqui para essa forma, não é certamente para acusar o homem negro ou acrescentar novos estigmas a quem já carrega bastante deles. Mas, inversamente, para acusar como o mundo antinegro está presente na formação mesma das subjetividades negras, como esse mundo antinegro, que celebra a morte negra, ao mesmo tempo nos faz ser quem somos. Ainda é Fanon que define o principal desse debate, notadamente na discussão sobre o romance de René Maran, *Un homme pareil aux autres*, onde o pobre Jean Veneuse amarga uma paixão impossível pela moça branca (uma vez mais): "Jean Veneuse gostaria de ser um homem como os outros, mas sabe que sua situação é insustentável. Ele é um pedinte. Ele procura tranquilidade, a permissão nos olhos do branco. Pois ele é o 'outro'" (Fanon, 2008, p. 78).

A preocupação ontológica, enunciada por Fanon, é central no afropessimismo, em que a negritude está equacionada à posicionalidade do escravo, e o significado da escravidão está definido pela violência direta e total e pela violação pessoal infinita (Wilderson, 2020). O que tem como consequência a desonra crônica e inalienável, que torna a pessoa do escravo impossível, uma verdadeira contradição, colapsada pela violência originária sob a forma de uma mercadoria, coisa e pessoa. A escravidão, de um ponto de vista mais antropológico, tem sido também definida como a dominação permanente e violenta de pessoas desenraizadas, o "não parente". Este, uma vez manumitido ou alforriado, carrega e transmite aos descendentes a marca indelével do cativo, o que Patterson (2008) e Vargas (2017) chamam de *continuum* escravista, que apresenta ademais a natureza de uma

violação do gênero e do parentesco, na medida em que a escravidão é definida pela descendência materna, como discutiu pioneiramente Spillers (1987).

A morte social e o consequente esvaziamento ontológico, a fungibilidade escrava e a identificação com a mercadoria configuram a ontologia política do negro, que diante da forma particular dessa “existência” encontra limites rígidos (Marriot, 2000; Sexton, 2011; Wilderson, 2010). Porque como fabula Ralph Ellison (1990), em seu prólogo ao *Homem invisível*, tudo que o homem branco vê quando está diante do negro são fantasmas de sua própria imaginação racializada, “uma criatura de pesadelo”. Como se estivesse citando Fanon, Ellison discorre sobre como a “invisibilidade” implica uma perda da forma ou da “imagem”. Mas, ora, como diria Beatriz Nascimento, “não ter noção da própria forma é experimentar a morte” (Ratts, 2007, p. 66).

Em suma, o problema não é do homem negro, mas do mundo antinegro e de sua dependência da morte negra e da norma heterossexual, como aparece também em contextos etnográficos, o que veremos a seguir.

Masculinidades negras na periferia colonial

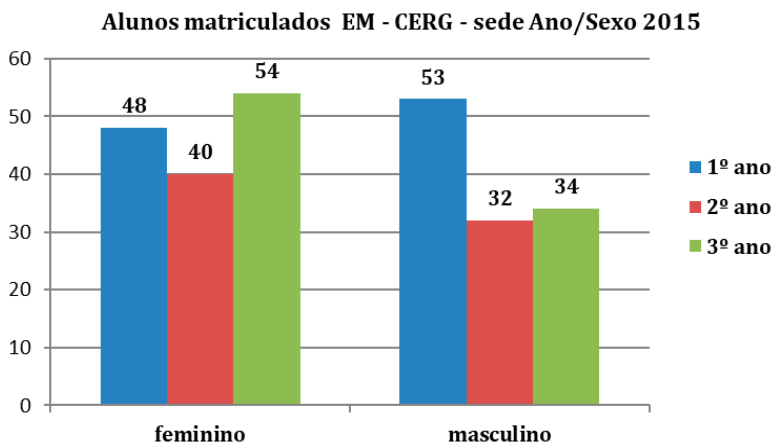
A discussão sobre a natureza sociológica da antinegri-tude, ou de formas concretas e objetivas através das quais poderíamos capturá-la na inscrição etnográfica, reflete-se no trabalho de João H. Costa Vargas (2010), Jaime Amparo Alves (2013), Luciane Rocha (2016) e outros. Enquanto uma fatia importante e nuclear do pensamento afropessimista, de

natureza mais abstrata, se ocupa de estudos de cinema ou de literatura, ou ainda fundando novas historiografias, como na obra de Hartman (1997), os autores brasileiros citados acima têm produzido antropologia social sob o impacto do afropessimismo e da teoria da antinegritude. Nos esforços de pesquisa que temos realizado em Cachoeira, no Recôncavo da Bahia, território marcado pelo colonialismo, pela escravidão, pela pobreza e desassistência, mas também pela força da ancestralidade nos candomblés e nos sambas, temos sido levados a buscar também essa conciliação.

A tese de doutorado de Beatriz Giugliani (2019, p. 39), por exemplo, interroga o “modo como a construção social das masculinidades racializadas condiciona o percurso escolar de jovens estudantes negros” em uma escola pública na cidade de São Felix, separada de Cachoeira por uma ponte de 365 metros que atravessa o rio Paraguassu. Buscando ampliar a compreensão dos processos de discriminação interseccional, Beatriz se move por uma constatação, confirmada em outros estudos, de que os homens negros têm o pior desempenho dentre os grupos de raça e gênero na escola (Carvalho, 2004). O problema é enigmático e contradiz certa compreensão de que as mulheres negras sempre estão no último lugar. Ao menos na escola pública, ao menos no Recôncavo da Bahia, isso não é bem verdade. O que não nega, é claro, todos os enormes óbices que as mulheres negras enfrentam em suas trajetórias, mas deixa claro que homens negros também são sujeitos de gênero e que uma abordagem interseccional também torna visível o prejuízo estrutural em ser negro e homem.

Beatriz apresenta dados muito convincentes, fruto tanto do trabalho etnográfico quanto da realização de um minicenso na escola em questão. Vejamos, no Gráfico 1, um exemplo das tabulações reveladoras que fez.

Gráfico 1 - Alunos matriculados no ensino médio do Colégio Estadual Rômulo Galvão – sede – por ano e sexo (2015)



Fonte: Giugliani (2019).

Observamos assim como o número de estudantes homens decresce ao longo das séries. A autora discute com os próprios interlocutores esses resultados e documenta o “desencanto” dos meninos com relação à escola e com relação ao futuro.

Pesquisadora: Você conhece alguns colegas teus, amigos, que abandonaram o ensino médio?

César: Conheço. Conheço vários.

Pesquisadora: E o que eles estariam fazendo hoje?

César: Alguns estão no tráfico de drogas. E outros começaram a trabalhar, porque já tem filhos.

Pesquisadora: Qual o teu maior pesadelo?

César: Já falei. É não saber o meu futuro. (Giugliani, 2019, p. 254).

A dissertação de Júlio Cesar Cerqueira Araújo (2019) descreve, por sua vez, a construção de projetos de vida de jovens rapazes negros, alunos de uma escola na zona rural de São Felix. A ruralidade, ao menos no Recôncavo da Bahia, não tem nada mais a ver com um estilo de vida tranquilo, distante do ritmo e dos perigos da vida nos grandes centros urbanos. Pelo menos no que se refere a ideais de consumo e a presença trágica da violência, dos grupos armados e da repressão policial, a distância entre o mundo rural do Recôncavo e a realidade da periferia urbana de Salvador é pequena. O que Júlio pode descrever muito bem e com as nuances necessárias:

Se formos pensar em termos de violência, fundamentada em longos períodos de troca de tiros, roubos constantes ou a expressão da violência com uma característica mais expressiva, talvez seria errôneo utilizar esse termo para descrever o que ocorre na localidade do Outeiro Redondo, mas quando procuramos compreender o que se pauta em termos de violência em um campo de ordem estruturada, pela criminalidade ou pela ação dos dispositivos de poder ao exemplo da segurança pública, onde o primeiro estabelece regras para convivência interna e o segundo reproduz os mecanismos de controle,

como forma de enfrentamento a criminalidade, podemos compreender que a violência se manifesta na localidade (Araújo, 2019, p. 54).

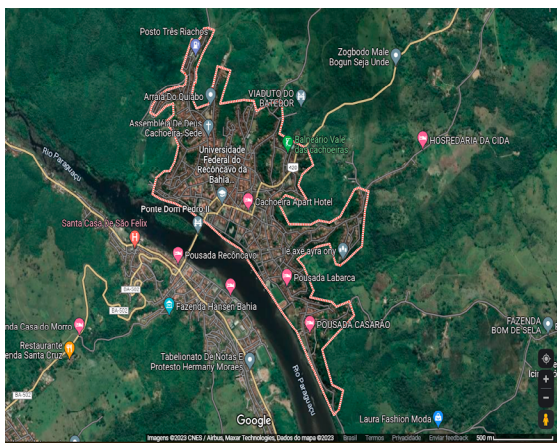
O que Júlio observa muito bem é que a ordem objetivada na localidade já está toda definida pela lógica de violência e pelas soberanias horizontais disputadas entre os grupos armados e a polícia, impondo códigos de conduta, hábitos de linguagem, um modo de vida, enfim, assegurado pela presença constante da morte. Como o diálogo entre o etnógrafo e “Seu José”, um informante-chave, revela:

Agora aqueles que fica de baderna, procurando se envolver cum que num deve, leva até sem tá errado, e eles num se emenda, não. Pra você ter uma ideia, esse menino (gesticulando comigo), aqui já aconteceram muitas tragédias casos de muleque, que morreu ai por baixo (apontando para os pastos na lateral da escola) correndo e troca de tiro e foi morto, a polícia diz, que é sempre entre eles, mas sabemos que as vezes não, mas eles não aprende, tem meninos desses aqui que tem parente que já morreu e não toma como exemplo fica na mesma coisa (Araújo, 2019, p. 58).

A violência antinegra, ou a “guerra racial de alta intensidade” e os efeitos que ela provoca, é o tema da tese de doutorado de Fred Aganju Santiago Ferreira. Fred analisa com rigor o que ele chama de “dispositivos necropolíticos na Segurança Pública da Bahia” ao mesmo tempo que de-

envolve metodologia específica para complementar as estatísticas sobre morte violenta, utilizando dados da imprensa sensacionalista local, além de documentar, o que é muito importante, os efeitos subjetivos da violência entre jovens negros da região (Ferreira, 2020).

Figura 1 - Cachoeira e São Félix, Bahia (2023)



Fonte: Google Maps.¹⁰

Cachoeira, com atualmente cerca de 35 mil habitantes, e São Félix, com aproximadamente 16 mil, são cidades irmãs (Figura 1) que infelizmente padecem com a necropolítica brasileira. De acordo com o IBGE, 55% da população de Cachoeira e São Félix tem renda *per capita* de zero a meio salário mínimo, e 38% das famílias vivem com meio a dois salários mínimos. As cidades possuem também altos índices de desemprego. Em 2016, apenas 3.600 pessoas ocupa-

10. Disponível em: https://www.google.com/maps/place/Cachoeira,+BA,+44300-000/@-12.6026894,-38.9636288,3474m/data=!3m2!1e3!4b1!4m6!3m5!1s0x715c704b4016fe5:0x8df573d95ad17a72!8m2!3d-12.6022607!4d-38.9642265!16s%2Fg%2F1yw0_qszb?hl=pt-BR. Acesso em: dez. 2023.

vam postos formais de trabalho, ou seja, 10,3% da população ativa do município (Ferreira, 2020). As duas cidades são, por fim, majoritariamente negras. O censo demográfico de 2010 indicou que, dos aproximadamente 35 mil habitantes de Cachoeira, 13 mil eram da cor preta, 3 mil da cor branca, 650 da cor amarela e 14 mil da cor parda. De modo que, somando as categorias preta e parda, podemos aferir que mais de 80% da população se autodeclarava negra, tornando a região uma das mais negras do Brasil. A região tem sido, além disso, como já dito, assediada pela violência. Fred mostra como São Félix, desde 2001, vem aumentando sua média de homicídios, de modo que em 2013 atingiu a taxa de homicídios de 32 óbitos por 100 mil habitantes, superando a média nacional na época, que era de 26,99 óbitos por 100 mil habitantes. O mesmo aconteceu em Cachoeira, com uma taxa de homicídios de cerca de 27,96 óbitos por 100 mil habitantes em 2013 (Ferreira, 2020).

O autor também discute com seus interlocutores esses resultados e seus significados na experiência ordinária. O pesquisador pergunta sobre amigos assassinados: “Porra nunca parei pra contar. Mas deixa eu pensar... Umas 10 cabeças. Alguns bem próximos, outros não. Nos últimos 3 anos, uns 3 por ano eu acho. (FRANCISCO, morador de Cachoeira-BA, entrevista cedida em: 05/12/2019)” (Ferreira, 2020, p. 211). E sobre como tanta violência os afeta:

Porra pode crer pivete. Afeta todo contexto, porque na verdade a gente se guia através disso né pivete. Pensando que a gente vive em um contexto violento e a qualquer segundo, por

exemplo, você pode ser vítima dessa violência tá ligado. A gente projeta tudo a partir disso, desse contexto violento. Porra é onda pivete. Se fosse falar em poucas palavras, é tipo assim, me sinto em uma corda bamba. Eu me sinto basicamente assim tá ligado, caminhando em um desfiladeiro, a qualquer hora, se não tiver visão posso cair. (FRANCISCO, morador de Cachoeira-BA, entrevista cedida em: 05/12/2019) (Ferreira, 2020, p. 214).

Equilibrando-se em um precipício, vivendo sobre o fio da navalha, jovens negros do Recôncavo e de inúmeras outras partes do Brasil defrontam-se com a natureza essencialmente antinegra da sociedade brasileira ao mesmo tempo que veem a ordem social objetivada projetar-se como uma sombra de outras eras por sobre suas subjetividades e consciência.

Conclusão

Neste capítulo, procurei, em primeiro lugar, propor uma leitura sintética da formação do campo dos estudos de masculinidades negras, definido por seus atravessamentos entre a ação institucional e a reflexão crítica, assim como pela coexistência de paradigmas distintos, que nomeei como: 1) a tradição das ciências sociais e/ou historiografia; 2) a matriz normativa ou “clínica”; 3) um paradigma afrocentrado. Cada um destes porta suas potencialidades e contradições, que em grande medida refletem as distintas posicionalidades dos sujeitos envolvidos. Em segundo lugar, discuti, mobilizando o repertório conceitual do pensamento radical negro,

determinado dispositivo, fenomenologicamente inscrito como uma estrutura de sentimento masculina, que está implicado na formação relacional – especular – da masculinidade negra, aprisionada nos paradoxos da antinegritude. Por fim, apresentei sumariamente alguns *flashes* etnográficos que permitem flagrar a antinegritude, discutida anteriormente em um nível teórico reflexivo, em sua materialização como ordem social objetivada, inscrita nas práticas, cenários sociais e instituições no território do Recôncavo da Bahia, onde nosso grupo de pesquisa tem desenvolvido suas atividades. De modo que, contra o pano de fundo da formação do campo, que aparece de modo múltiplo e algo autocontraditório, aponto em direção a uma perspectiva teórica específica para lançar luz sobre a determinação estrutural, global e histórica para a racialização das masculinidades, com as consequências necropolíticas e antinegras conhecidas. O que busquei retratar minimamente a partir da etnografia das masculinidades no Recôncavo da Bahia, que sem dúvida é particular, mas não deixa de espelhar tensões reencontradas em outros contextos.

Referências

AÇÃO anti-AIDS: boletim internacional sobre prevenção e assistência à AIDS. Rio de Janeiro: Healthlink: Abia, n. 47, mar./maio 2002.

ADORNO, Rubens C. F.; ALVARENGA, Augusta T.; VASCONCELLOS, Maria P. C. (org.). *Jovens, trajetórias, masculinidades e direitos*. São Paulo: Edusp, 2005.

ALVES, Jaime A. From Necropolis to Blackpolis: necropolitical governance and black spatial praxis in São Paulo, Brazil. *Antipode*, v. 46, n. 2, p. 323-339, 2013.

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. Rio de Janeiro: Record, 1995 [1935].

AMPARO-ALVES, Jaime. Narratives of violence: the white imagiNation and the making of black masculinity in *City of God*. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 301-310, jul./dez. 2009.

ARAÚJO, Júlio César C. *Notas etnográficas: um diálogo sobre raça, racismo, violência e projetos de vida entre os jovens homens negros no anexo Outeiro Redondo, São Félix-BA*. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2019.

ARILHA, Margarete; UNBEHAUM, Sandra; MEDRADO, Benedito (org.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: Ecos: Ed. 34, 1998.

BATISTA, Luís Eduardo. *Mulheres e homens negros: saúde, doença e morte*. 2002. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.

BLAISDELL, Bob. Introduction. In: GARVEY, Marcus. *Selected writings and speeches of Marcus Garvey* (edited by Bob Blaisdell). Mineola, NY: Dover Publications, 2004. p. iii-xii.

CARTA CAPITAL. "O Silêncio dos Homens": documentário discute masculinidade tóxica. *Carta Capital*, 16 set. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/o-silencio-dos-homens-documentario-discute-masculinidade-toxica>. Acesso em: dez. 2023.

CARVALHO, Marília P. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 22, p. 247-290, 2004.

CECCHETTO, Fátima R. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CLEAVER, Eldridge. *Soul on ice*. New York: Delta Books, 1991.

DUARTE, Eduardo A. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ELLISON, Ralph. *O homem invisível*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008.

FERGUSON, Roderick A. *Aberrations in black: toward a queer of color critique*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004.

FERREIRA, Fred A. S. *Maafa: políticas de morte no contexto da guerra racial de alta intensidade na Bahia contemporânea*. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

GARVEY, Marcus. The negro's greatest enemy. In: _____. *Selected writings and speeches of Marcus Garvey* (edited by Bob Blaisdell). Mineola, NY: Dover Publications, 2004. p. 1-10.

GIUGLIANI, Beatriz. *O abandono dos jovens homens negros no ensino médio: um estudo interdisciplinar na escola pública no município de São Félix (Bahia)*. 2019. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

GORDON, Edmund T. Cultural politics of black masculinity. *Transforming Anthropology*, v. 6, n. 1/2, p. 36-53, 1997.

GORDON, Lewis. *Bad faith and anti-black racism*. Amherst: Humanity Books, 1999.

HARTMAN, Saidiya V. *Scenes of subjection: terror, slavery, and self-making in nineteenth-century America*. New York: Oxford University, 1997.

HOOKS, bell. *We real cool: black men and masculinity*. New York: Routledge, 2004.

KELLEY, Robin D. G. Looking for the "real" nigga: social scientists construct the ghetto. In: _____. *Yo' mama's disfunkcional!: fighting the culture wars in urban America*. Boston: Beacon Press, 2008. p. 15-42.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998.

LEMO, Nina. Morte de MC Kevin: quando a masculinidade tóxica mata os meninos. *Universa*, 19 maio 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/nina-lemos/2021/05/19/morte-de-mc-kevin-quando-a-masculinidade-toxica-mata-os-meninos.htm>. Acesso em: dez. 2023.

LUGONES, Maria. Heterosexualism and the colonial/modern gender system. *Hypatia*, v. 22, n. 1, p. 186-209, 2007.

MACHADO, Bernardo. Os desafios das masculinidades em tempos de crise. *UOL Tab*, 19 out. 2019. Disponível em: <https://bernardomachado.blogosfera.uol.com.br/2019/10/01/desafios-das-masculinidades-em-tempos-de-crise/?cmpid=copiaecola>. Acesso em: dez. 2023.

MARRIOT, David. *On black men*. New York: Columbia University Press, 2000.

MASCULINIDADE tóxica é tema de campanha do Governo da Bahia. *Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM/BA)*, 14 maio 2019. Disponível em: <http://www.mulheres.ba.gov>.

br/2019/05/2408/Masculinidade-toxica-e-tema-de-campa-
nha-do-Governo-da-Bahia.html. Acesso em: dez. 2023.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial*: raça, gênero e sexualida-
de no embate colonial. Campinas: Ed. Unicamp, 2010.

MISKOLCI, Richard. *O desejo da nação*: masculinidade e bran-
quitude no Brasil de fins do XIX. São Paulo: Anablume, 2012.

MORAES, Viviane M.; BRITO, Thiago H. B.; COSTA, Walkiria, G.
E. Mulherismo Africana: proposta enquanto equilíbrio vital a
comunidade preta. *Itaca*, Rio de Janeiro, n. 36, p. 281-320, 2020.
Edição especial – Filosofia Africana.

MOREIRA, Diva; BATISTA SOBRINHO, Adalberto. Casamentos
inter-raciais: o homem negro e a rejeição da mulher negra. *In*:
COSTA, Albertina O.; AMADO, Tina (org.). *Alternativas escassas*:
saúde, sexualidade e reprodução na América Latina. Rio de
Janeiro: Ed. 34, 1994. p. 81-107.

NKOSI, Deivison F. O pênis sem o falo: algumas reflexões so-
bre homens negros, masculinidades e racismo. *In*: BLAY, Eva
A. (coord.). *Feminismos e masculinidades*: novos caminhos
para enfrentar a violência contra a mulher. São Paulo: Cultura
Acadêmica, 2014. p. 75-104.

OKONKWO, Rina L. The Garvey Movement in British West Af-
rica. *The Journal of African History*, v. 21, n. 1. p. 105-117, 1980.

PAES, José Paulo. *De "Cacau" a "Gabriela"*: um percurso pasto-
ral. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1991.

PATTERSON, Orlando. *Escravidão e morte social*. São Paulo:
Edusp, 2008.

PERSPECTIVAS em saúde e direitos reprodutivos. [S. l.]: Fun-
dação MacArthur, v. 2, n. 3, 2000.

PETRUCCELLI, José Luis. Seletividade por cor e escolhas conjugais no Brasil dos 90. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, ano 23, n. 1, p. 29-51, 2001.

PINHO, Osmundo; SOUZA, Rolf M. Subjetividade, cultura e poder: politizando masculinidades negras. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Salvador, v. 5, n. 2, p. 40-46, 2019.

PINHO, Osmundo. Etnografias do *Brau*: corpo, masculinidade e raça na reafirmação em Salvador. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 127-145, jan./abr. 2005.

PINHO, Osmundo. O sacrifício de Orfeu: masculinidades negras no contexto da antinegritude em Salvador. In: CAETANO, Marcio; MELGAÇO, Paulo (org.). *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018. p. 146-173.

RATTS, Alex. *Eu sou Atlântica*: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza: Imprensa Oficial, 2007.

RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf M. (org.). *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades*. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2019.

ROCHA, Igor C. S. A ordem pública e as masculinidades negras: o controle objetivo e subjetivo do homem negro. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Salvador, v. 5, n. 2, p. 47-78, 2019.

ROCHA, Luciane. De-matar: maternidade negra como ação política na "Pátria Mãe (Gentil?)". In: PINHO, Osmundo; VARGAS, João H. C. (org.). *Antinegritude: o impossível sujeito negro na formação social brasileira*. Cruz das Almas: EdUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 197-202.

ROSA, Waldemir. *Homem preto do gueto*: um estudo sobre a masculinidade no rap brasileiro. 2006. Dissertação (Mestrado

em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.

SEXTON, Jared. *Black masculinity and the cinema of policing*. New York: Palgrave Macmillan, 2017.

SEXTON, Jared. The social life of social death: on afro-pessimism and black optimism. *Intensions Journal*, n. 5, p. 1-47, 2011.

SOUZA, Rolf M. *A confraria da esquina: o que os homens de verdade falam entre si em torno de uma carne queimando. Uma etnografia de um churrasco numa esquina do subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: Edições Malungo, 2019.

SPILLERS, Hortense J. Mama's baby, papa's maybe: an American grammar book. *Diacritics*, v. 17, n. 2 (Culture and counter-memory: the "American" connection), p. 64-81, Summer 1987.

VARGAS, João H. C. *Never meant to survive: genocide and utopia in black diaspora communities*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2010.

VARGAS, João H. C. Por uma mudança de paradigma: antinegritude e antagonismo estrutural. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 48, n. 2, p. 83-105, 2017.

VIEIRA, Isabela. Pesquisa mostra que raça é fator predominante na escolha de parceiros conjugais. *Agência Brasil*, 17 out. 2012. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/2012/10/pesquisa-mostra-que-raca-e-fator-predominante-na-escolha-de-parceiros-conjugais>. Acesso em: dez. 2023.

VIGOYA, Mara V. *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na nossa América*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

WILDERSON, Frank B. *Red, white & black: cinema and the structure of U.S. antagonisms*. Durham: Duke University Press, 2010.

WILDERSON, Frank B. *Afropessimism*. New York: Liveright, 2020.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WRIGHT, Richard. *Filho nativo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.